

Introdução

Vinicius Vieira Pereira⁽¹⁾



Caro leitor,

Enquanto o mundo atravessa uma das maiores crises sanitárias de sua história, marcada pela pandemia da Covid-19, que já levou a óbito mais de quatro milhões de pessoas ao todo no globo, no Brasil, somam-se a esta crise outras duas, a econômica e a política. Os desdobramentos de tamanha instabilidade, não seria qualquer exagero ponderar, parecem ameaçar as liberdades individuais e coletivas; o Estado de Direito; o sistema republicano democrático e, por que não dizer, a paz social. Daí ser comum nos dias de hoje asseverar: há uma profunda e perigosa crise institucional em curso.

Na área econômica, o cenário recessivo que já se manifestava desde 2015 torna-se ainda mais desolador. Queda de 4,5% do PIB em 2020; desemprego beirando a casa dos 15% da população ativa e a informalidade atingindo 40% da população ocupada; retorno da inflação em ritmo preocupante, disparada dos preços dos combustíveis e energia; risco de crise hídrica; redução dos indicadores da indústria e do setor de serviços, dois dos principais eixos dinâmicos da economia brasileira e mundial; queda do investimento interno na economia e na entrada de capital estrangeiro no país, no caso deste último, com recuo de mais de 50% em 2020 quando comparado a 2019. Além disso, há a elevação da dívida pública em nível histórico e a contração dos gastos governamentais, importantes aliados para provocar a demanda efetiva em momentos depressivos. Tudo isso em meio a uma série de medidas de políticas econômicas que, alinhando-se ao discurso neoliberal, provocam, ao fim e ao cabo, o aprofundamento da lógica da acumulação de capital, o privilégio dos interesses rentistas, financeiros e do grande capital monopolista, além de retirar do Estado o poder de intervir no ambiente econômico em favor dos mais pobres e necessitados.

No cenário político a tragédia também se anuncia. Apesar de nosso país estar elencado desde o início da pandemia entre os mais negligentes do mundo no enfrentamento à crise sanitária, a classe política somente agora resolveu abandonar a inércia e buscar conter o alarmante e trágico número de mortos pela pandemia, que já supera 540 mil vidas brasileiras, total sustentado por uma média diária superior a 1.200 mortos por Covid-19. Com o intuito de investigar, inquirir e apurar falhas e responsabilidades pelo caos que toma conta do país em relação às medidas de contenção ao

coronavírus, foi criada em 13 de abril do corrente ano, e instalada no Senado Federal em 27 de abril, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que, além de revelar erros estratégicos e omissões por parte do governo no enfrentamento à pandemia, vem descobrindo e apurando uma série de denúncias de desvios de verbas na compra de vacinas, o que indica haver “muito caroço no anjo” do governo e de sua equipe. Não bastasse, os partidos políticos buscam, por seu turno, jogar suas redes de interesses neste ano pré-eleitoral, assim, discussões como o retorno ao voto impresso e a viabilidade de uma reforma política de amplo escopo começam a ser badaladas. Em meio a esse turbilhão de incertezas, o Supremo Tribunal Federal, o Ministério Público, o Congresso Nacional e outras instituições não governamentais, como a OAB, os órgãos de imprensa, as Universidades e a comunidade científica em geral são atacados e vilipendiados dia após dia por uma ala da população que propagandeia o retorno da ditadura militar e se arma com a inescrupulosa munição da disseminação de notícias falsas na internet e uma autêntica onda negacionista da ciência. Ao continuar nessa toada, é bastante provável que a discussão e proposição de planos de enfrentamento não apenas à Covid-19, mas também a outros problemas urgentes, como o aquecimento global e o desmatamento, sejam retardados indefinidamente.

Assim, caro leitor, como não poderia deixar de ser, esta edição da Revista do Pet Economia da UFES traz, em suas páginas eletrônicas, o sentimento de medo, desolação, abandono e falta de perspectiva de presente e futuro por parte da já sofrida população brasileira, que se vê em meio ao caos e sem qualquer aceno de melhora. Semelhantes notas de preocupação e crítica dão o tom do texto de nossa convidada desta edição, a professora do Departamento de Economia da UFES, doutora Ana Paula Fregnani Colombi. Com o título Que sociedade queremos?, a autora nos instiga a pensar que, para além das peculiaridades de que se reveste o debate teórico e metodológico dentro dos cursos de Ciências Econômicas, há uma preocupação maior: as expectativas dos estudantes em relação ao conteúdo curricular dessa importante Ciência Social, que têm revelado a preferência por uma versão profissionalizante da Ciência Econômica, voltada à qualificação e à criação de jovens empreendedores bem sucedidos e ávidos pelo enriquecimento individual em meio a uma sociedade neoliberal. No entanto, ela nos convida a refletir sobre o sentido original dessa ciência, se o de instrumento para estímulo à privatização dos sonhos ou se de importante aliada na transformação de nossa realidade, marcada pela desigualdade e espoliação, rumo à construção de um projeto social capaz de resgatar as esperanças de todos.

As Resenhas Econômicas, como de costume, revelam as inquietações em relação aos problemas e assuntos que cercam o cotidiano de seus jovens autores, os estudantes bolsistas e voluntários do PET da UFES. Na qualidade não apenas de observadores atentos, mas também profundamente inseridos e afetados pela trágica realidade imposta pela a pandemia e todos os seus desdobramentos, esses jovens destacam temas como: a importância de se encarar a vacinação contra Covid-19 no Brasil e no mundo como questão de saúde pública mais do que como possibilidade de lucro de empresas farmacêuticas; a problemática da desigualdade de renda no Brasil, analisada a partir dos diferentes estratos da população- por renda, cor da pele, gênero, grau de escolaridade, bem como entre as regiões desse imenso país -, e como essa interpretação revela o abismo entre ricos e pobres e a necessidade de se pensar políticas públicas efetivas, como por exemplo, um amplo programa de renda mínima; a preocupação real e crescente com o espectro da inflação que ronda a economia brasileira e que, após apresentar forte elevação em 2020, ameaça afetar a qualidade do consumo de alimentos e da vida da classe trabalhadora ao longo deste ano, principalmente quando encerrado o auxílio emergencial; um alerta sobre o consumo de massa e

uma de suas variantes, a estética do corpo e da beleza, processo que, potencializado pelas mídias sociais, tem levado à exacerbação da busca por procedimentos estéticos corretivos e dietas alimentares altamente prejudiciais à saúde física e mental; a triste constatação da falta de identidade cultural dos brasileiros com a América Latina e o sentimento de não pertencimento ao subcontinente, manifestações que acabam por nos aproximar mais das culturas inglesa e norte-americana, além de dificultar a constituição de um grande e forte bloco de países. Escritas por jovens, sempre em tom crítico e atualizado, as resenhas contribuem para ampliar o nosso olhar sobre questões atuais e cujo debate se faz necessário.

A seção de artigos traz contribuições teóricas elaboradas por estudantes do curso de Ciências Econômicas da UFES, entre os quais, bolsistas e ex-bolsistas do PET Economia. A condição humana na sociedade contemporânea é interpretada à luz de representações cinematográficas no instigante artigo *Entre a potência e a existência*, do petiano egresso Yago Ramalho. A partir de uma reflexão sobre o drama vivido pelas personagens em três importantes obras do cinema mundial, “Taxi Driver”, “Parasite” e “Joker”, o jovem autor faz um paralelo com os dilemas, as angústias psicológicas e sociais, a ansiedade e o padrão comportamental do típico exemplar humano pós-moderno, um indivíduo que parece desvanecer-se enquanto ser social, assumindo uma consciência autointeressada, atomizada e repleta de positividade, ou como afirma o autor, um “homem só, (...) que vive no país chamado capitalismo”.

Por seu turno, os estudantes Gisele Furieri, Luiz Carlos Santos, Luiza Giuberti, Otavio Luis Barbosa, Patrícia Specimille e Ruth Silva, integrantes do subgrupo Empregos e Salários do Grupo de Estudos e Pesquisas em Conjuntura, do Departamento de Economia da UFES, apresentam um artigo bastante didático e de fácil compreensão sobre o mercado de trabalho no Brasil. Com o título *A família PNAD: explicando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, os autores utilizam-se de uma família brasileira hipotética, na qual, cada membro se enquadra numa das diversas categorias da pesquisa, seja como ocupado, desocupado, subocupado, informal, entre outras. O material, que toma forma de uma cartilha, provoca a reflexão sobre o lado humano que existe por trás dos dados estatísticos e das variáveis econômicas, chamando a atenção para a condição desoladora que afeta muitos brasileiros e brasileiras.

Já Fernando Porfírio, Luiz Felipe Blum e Ruth Silva investigam a importância da escravidão para o funcionamento e desenvolvimento da economia colonial brasileira, com ênfase nos lucros gerados tanto pelo trabalho quanto pelo tráfico de escravos. Nos dias atuais, quando velhos preconceitos ressurgem em roupagens novas, o texto *Os lucros da escravidão no Brasil e seu impacto econômico: uma abordagem histórica dos séculos XVI ao XIX* reascende um tema caro ao nosso desenvolvimento econômico e social enquanto nação livre e democrática: o papel dos negros e negras em nossa história.

Em *A crise crítica da doutrina do choque*, o petiano egresso Paulo Octavio Guidolini utiliza-se da crítica da economia política de Karl Marx para analisar o livro *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*, lançado em 2007 e de autoria da jornalista e ativista canadense Naomi Klein. Em um texto bem estruturado, o autor nos alerta para o fato de que apesar do discurso crítico presente no livro de Klein, é preciso tomar cuidado para não criarmos uma perspectiva idealizada do neoliberalismo e, dessa forma, deixar de percebê-lo em toda sua essência, ou seja, como uma das formas históricas que o próprio capitalismo assume. Afinal, políticas pautadas em

austeridade fiscal, privatizações e subserviência do Estado ao capital não são apenas neoliberais, mas características inerentes à reprodução do modo capitalista de produção.

Dado o cenário de pandemia e de isolamento social, esta edição traz também uma seção cujo objetivo é captar as impressões, os dilemas e os principais problemas relacionados ao ensino à distância e seus desdobramentos sobre o ambiente escolar e universitário, a qualidade do ensino e da integração entre os estudantes, bem como as dificuldades enfrentadas pelos jovens, adolescentes e professores para se adaptarem repentinamente a essa inovação no modelo educacional. De tal forma que, para captarmos diferentes Olhares sobre o Ensino Remoto, convidamos personalidades em diferentes posições no ensino para relatarem suas experiências e suas ansiedades neste momento em que a tristeza e a insegurança frente ao avanço da pandemia da Covid-19 se juntam aos graves problemas sociais do país.

Portanto, esperamos que a leitura dos textos que compõem esta edição, cuidadosamente preparados e escolhidos pelos petianos do PET Economia da UFES, seja um convite à reflexão e à ação, para que possamos, no futuro, ao olhar para trás, nos orgulharmos pela construção de caminhos alternativos de sucesso para esta sociedade que anda tão desigual, individualista, repleta de pessoas tristes e sem perspectivas de futuro. Exigem-se-nos mais do que a preocupação, senão a luta.

Boa leitura para todos e todas!

(1) Professor adjunto do departamento de Economia Ufes e tutor do Programa de Educação Tutorial PET-Economia/Ufes.